



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
NÍVEL: MESTRADO PROFISSIONAL

**“A HISTÓRIA DAS CRIANÇAS QUE PLANTARAM UM RIO”: A
REPRESENTAÇÃO DA CULTURA AMAZÔNICA NA LITERATURA
INFANTOJUVENIL**

BELÉM – PA

2024



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
NÍVEL: MESTRADO PROFISSIONAL

Gerlene Lima Oliveira Santos

“A história das crianças que plantaram um rio”: a representação da cultura amazônica na literatura infantojuvenil

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de grau de mestre em Ensino da
Língua Portuguesa e suas Respectivas
Literaturas pela Universidade do Estado
do Pará.

Área de Concentração: Estudos literários
e suas práxis educativas

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renilda do
Rosário Moreira Rodrigues Bastos

Data de aprovação:

Banca examinadora:

Orientadora: Prof. Dra. Renilda do Rosário Moreira
Rodrigues Bastos

Membro Interno: Prof. Dr. Marco Antônio da Costa
Camelo

Membro Externo: Profa. Dra. Antônia Zelina Negrão
de Oliveira

“A história das crianças que plantaram um rio”: a representação da cultura amazônica na literatura infantojuvenil

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo a construção de um produto educacional destinado a contribuir com ensino de Literatura na educação básica. A pesquisa do tipo pesquisa-ação, com a abordagem qualiquantitativa teve como sujeitos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II e foi entrelaçada pelos diálogos teóricos de Cosson (2006), Zilberman; Lajolo (2017), Loureiro (2000), Rojo (2012) e Paviani; Fontana (2009). Ademais, teve como problemática o ensino de Literatura e para tanto, foi norteador pelo seguinte questionamento: Como o letramento literário, trabalhado por meio de oficinas de leitura, escrita e oralidade, pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas nos alunos do 7º ano do ensino fundamental, com foco na valorização da cultura amazônica e nas experiências de vida dos estudantes? Assim, a partir de um diagnóstico inicial e da análise dos dados obtidos durante a aplicação, constatou-se que a literatura, muitas vezes marginalizada nos conteúdos curriculares, é um instrumento eficaz para despertar o interesse dos alunos pela leitura, além de disseminar nossa identidade cultural. Tendo em vista isso, ao reconhecerem suas práticas culturais na obra “A história das crianças que plantaram um rio” (2013), de Daniel da Rocha Leite, os alunos experimentaram um processo de afirmação identitária e desenvolvimento do letramento literário, fomentando uma maior valorização da cultura local e aprimorando suas habilidades críticas e interpretativas.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário. A história das crianças que plantaram um rio. Literatura infantojuvenil.

ABSTRACT: This article presents the results of a research that aimed to build an educational product designed to contribute to the teaching of Literature in basic education. The action research type of research, with a qualitative and quantitative approach, had students in the 7th year of Elementary School II as its subjects and was intertwined with the theoretical dialogues of Cosson (2006), Zilberman; Lajolo (2017), Loureiro (2000), Rojo (2012) and Paviani; Fontana (2009). Furthermore, the problem was the teaching of Literature and to that end, it was guided by the following question: How can literary literacy, worked through reading, writing and oral workshops, contribute to the development of critical and creative skills in 7th grade students? year of elementary school, with a focus on valuing Amazonian culture and students' life experiences? Thus, based on an initial diagnosis and analysis of the data obtained during the application, it was found that literature, often marginalized in curricular content, is an effective instrument for awakening students' interest in reading, in addition to disseminating our identity. cultural. With this in mind, by recognizing their cultural practices in the work “A História das Crianças que Plantamum Rio” (2013), by Daniel da Rocha Leite, the students experienced a process of identity affirmation and development of literary literacy, fostering greater appreciation of local culture and improving their critical and interpretative skills.

KEYWORDS: Literary literacy. The story of the children who planted a river. Children's literature.

Onde nasce o rio...

A pesquisa mergulha no vasto oceano da literatura, esse rio sem fim que atravessa tempos e fronteiras. Contudo, suas águas foram conduzidas ao coração da Amazônia, com especial atenção à literatura infantojuvenil, em que os primeiros sonhos encontram morada. A literatura, esse espelho das emoções humanas, manifesta-se de mil maneiras, ecoando em todas as idades e culturas. Desde os primeiros contos que nos embalam na infância, até as narrativas que nos guiam pela vida adulta, ela tece, com palavras, os fios que conectam o real ao imaginário, moldando nossa visão de mundo em cada página virada. Nesse sentido, a escolha do que ler e do que é narrado para as crianças desempenha um papel fundamental na formação de leitores conscientes, influenciando o desenvolvimento da sensibilidade literária desde as séries iniciais.

A pesquisa justificou-se, pois, é possível afirmar a necessidade de promover o letramento literário, estimulando uma formação integral dos alunos. Contudo, em um cenário educacional no qual, muitas vezes, o ensino de literatura é relegado a uma abordagem técnica e pouco engajadora, torna-se importante desenvolver práticas pedagógicas que despertem aos discentes o interesse pela leitura e a compreensão dos múltiplos sentidos que a literatura pode oferecer.

A situação-problemática que originou a pesquisa em questão foi a observação das aulas de língua materna nas escolas em que atuo, localizadas em Ananindeua-PA, uma de ensino privado e outra da rede pública, onde foi possível perceber a prática de utilizar obras literárias como pretexto para atividades gramaticais, representando um desvio significativo do objetivo principal do letramento literário, pois ao reduzir a literatura a um mero suporte para o ensino de regras gramaticais, as instituições educacionais desconsideram o potencial transformador da leitura e da escrita literária. Assim, são raros momentos dedicados a explorar temas que dialoguem com a realidade dos alunos, e essa abordagem revela uma desconexão, uma vez que as leituras raramente se entrelaçam com a vivência cotidiana, tornando difícil a construção de pontes entre o que é lido e a realidade que nos cerca.

Dessa forma, a pergunta norteadora desta investigação é: Como o letramento literário, trabalhado por meio de oficinas de leitura, escrita e oralidade, pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas nos alunos do 7º ano do ensino fundamental, com foco na valorização da cultura amazônica e nas experiências de vida dos estudantes? Tal questão busca explorar como práticas pedagógicas centradas no letramento literário podem influenciar não só a aprendizagem, mas também a formação

pessoal e cultural dos alunos, promovendo um ensino de literatura mais ativo, reflexivo e transformador a partir da obra "A história das crianças que plantaram um rio", do escritor Daniel da Rocha Leite, e do foco na cultura amazônica, uma vez que é possível observar tais aspectos por meio da representação do imaginário, da oralidade e dos discursos evocados na obra, já que a narrativa apresenta o rio como elemento central nas práticas culturais da criança.

Diante das diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de literatura, este artigo tem como objetivo explicar sobre um produto educacional, apresentando uma proposta pedagógica que inclua práticas docentes que utilizem narrativas da literatura brasileira de expressão amazônica no ensino fundamental. Visto isso, a proposta segue os princípios da BNCC que valoriza o desenvolvimento de competências leitoras, a construção de repertório cultural diversificado e o reconhecimento da pluralidade cultural do Brasil.

Dessa forma, a importância desta proposta está em conceber o trabalho com a literatura a partir de uma perspectiva das produções regionais, no sentido de se desconstruir paradigmas e preconceitos com a cultura local, expressos por meio das desigualdades sociais e educacionais, historicamente construídas. Para isso, é imprescindível que se considere esse novo olhar sobre o homem amazônico, como também sobre os processos de construção de sua identidade, dos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais que o constituem como sujeito de aprendizagem.

Para o alcance da elucidação da pergunta que norteia esta pesquisa, será usado o entrelace teórico na discussão referente à literatura infantojuvenil de Lajolo e Zilberman (2003). No que concerne ao letramento literário, terá contribuições da escrita de Cosson (2006). Além disso, no que se refere à cultura amazônica, a poética do imaginário, embasamos em Loureiro (2008), bem como em Rojo (2012) e Spalding (2008) para discursar sobre o gênero textual miniconto. Por fim, a proposta pedagógica centrada na construção de oficinas ancora-se nas contribuições Paviani e Fontana (2009).

1 CAMINHO DAS ÁGUAS...

1.1 Navegando no letramento literário

O letramento literário desempenha um papel importante na formação de leitores críticos e esteticamente sensíveis, ao promover não apenas a competência para decodificar e compreender textos, mas também a capacidade de os interpretar em

profundidade, analisando suas nuances discursivas e culturais. Por meio desse processo, o leitor se engaja às diversas tradições literárias, ampliando seu repertório cultural e cognitivo, o que contribui significativamente para a construção de uma visão mais complexa e pluralista do mundo. Ademais, o letramento literário favorece a constituição da identidade individual e coletiva, uma vez que permite ao sujeito reconhecer-se nas narrativas literárias, especialmente quando estas estão vinculadas às suas próprias experiências culturais e regionais. Dessa forma, transcende a mera aquisição de habilidades técnicas, atuando como um meio para o fortalecimento da cidadania e para o desenvolvimento de uma consciência crítica e socialmente engajada.

Assim, Cosson (2006) estabelece uma relação intrínseca entre literatura e sociedade ao enfatizar que a literatura não é apenas um conjunto de textos, mas um espaço privilegiado para a representação e reflexão dos valores culturais e sociais de uma sociedade. Além disso, argumenta que a literatura desempenha um papel fundamental na formação da identidade cultural e na construção de significados, sendo um meio pelo qual as experiências humanas são expressas e compreendidas.

Com base nisso, há a importância de se considerar o contexto cultural em que os textos literários estão inseridos, reconhecendo que a leitura literária deve ir além da análise formal das obras, incorporando uma compreensão dos sistemas simbólicos que moldam a experiência do leitor. A literatura, segundo Cosson (2006), serve como um espelho da sociedade, refletindo suas tensões, dilemas e transformações, e, ao mesmo tempo, como um espaço de resistência e crítica social.

Cosson propõe que o ensino da literatura deve ir além da mera decodificação de textos, incentivando os alunos a desenvolverem uma leitura crítica que os leve a questionar e interpretar as obras literárias de forma autônoma.

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, que abordaremos adiante, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2006, pág.12).

Em resumo, quando o letramento literário é negligenciado, a escola perde uma oportunidade fundamental de formar leitores críticos, capazes de compreender diferentes perspectivas e ampliar sua visão de mundo.

1.2 Mergulhando entre histórias: A Literatura Infantojuvenil

A literatura infantojuvenil desempenha um papel fundamental na formação do imaginário e no desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças e adolescentes. Desde os primeiros contatos com a narrativa oral e/ou escrita, essa arte atua como um mediador entre o leitor e o mundo, proporcionando experiências que estimulam a imaginação, a empatia e a reflexão crítica. De acordo com Zilberman (1985), a literatura infantil estimula o imaginário da criança de forma saudável, lúdica, ensinando a libertar – se pelo espírito, e para isso é preciso compreender sua estrutura, sua natureza.

Além disso, sua importância está alinhada, como um instrumento pedagógico às diretrizes educacionais que incentivam o desenvolvimento das competências leitoras. Ao apresentar histórias que dialogam com o universo infantil e juvenil, a literatura contribui para a construção de repertórios simbólicos que ajudam as crianças a compreenderem melhor a realidade que os cerca. Outro aspecto relevante é a capacidade da literatura infantojuvenil de fomentar o hábito da leitura desde cedo, criando uma base sólida para o letramento literário. Ao despertar o prazer pela leitura, ela se torna uma aliada poderosa no processo de alfabetização e na formação de leitores críticos. Em suma, atua no desenvolvimento de suas competências críticas, empáticas e criativas, e oferecendo-lhes novas perspectivas sobre o mundo e sobre si mesmos.

Segundo Lajolo e Zilberman (2019), a literatura infantil é definida não apenas por elementos textuais específicos, mas principalmente pelo modo de circulação das obras. As autoras argumentam que esse tipo de literatura é direcionada a um consumo muito específico, frequentemente sob a chancela de instituições sociais como a escola, o que cria desafios para teóricos e historiadores que se aproximam desse gênero com os instrumentos tradicionais da história e teoria literárias.

Coelho (2000) dialoga com a ideia de que a Literatura Infantil tem a tarefa de formação, ou seja, é um agente de formação ao assegurar que:

A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (COELHO, 2000, p. 62).

Nessa perspectiva, é fundamental destacar que a escola deve incentivar o contato com a literatura, promovendo atividades que envolvam uma diversidade de textos. Assim, os educandos poderão desenvolver habilidades cognitivas relacionadas aos diferentes gêneros textuais, compreendendo-os e aplicando esses conhecimentos em seu cotidiano, de forma significativa e ativa na sociedade.

1.3 Nas Águas do Imaginário: O rio como veia da cultura amazônica

A poética do imaginário amazônico, conforme explorada na obra de João de Jesus Paes Loureiro (2000), é uma expressão rica e multifacetada que reflete a complexidade da cultura e da natureza da região amazônica. Tal poética se caracteriza por uma profunda conexão com os mitos, lendas e narrativas que emergem da vivência dos povos amazônicos, especialmente em relação aos rios e à floresta.

É importante destacar que a natureza, especialmente os rios e a floresta, é um elemento central na poética de Paes Loureiro, exemplo disso pode ser visto no poema “Busquei”, que integra o livro *Água da Fonte* (2008), em que diz: “No leito do poema encantarias brotam das palavras quando o rio se põe a cantar” (PAES LOUREIRO, 2008a, p.155). Ele descreve uma Amazônia transfigurada, em que a contemplação da paisagem natural gera epifanias e uma comunhão com o maravilhoso; essa relação é bidirecional: enquanto o homem da Amazônia domina a natureza, ele também é dominado por ela, criando um ciclo de interdependência.

Com base nisso, a voz do poeta é uma representação da identidade cultural amazônica, Paes Loureiro, por meio de sua escrita, expressa as vivências e as tradições dos povos da região, utilizando uma linguagem que incorpora elementos da oralidade e da memória coletiva. Essa voz é um meio de traduzir a experiência do ser amazônico e de construir um universo literário que ressoa com as vivências locais. Em suma, a poética do imaginário amazônico é uma celebração da cultura, da natureza e das narrativas que moldam a identidade dos povos da Amazônia, refletindo uma rica tapeçaria de experiências e simbolismos que são fundamentais para a compreensão da literatura da região.

O imaginário, na concepção de Paes Loureiro, é entendido como:

A forma de uma poética do ser, uma forma de imaginação maravilhada, campo da gratuidade pura, uma das formas de finalidade sem fim na existência. Portanto, a partir daí, entendemos que o mito é a significação/significante da expressão sensível, dessa poética do ser em que o imaginário se constitui para o homem (LOUREIRO, 2000. p. 318-319).

Assim, essa concepção está presente em mitos que circundam o imaginário do amazônida e são representados poeticamente na obra de Paes Loureiro, elementos dão forma à memória. Logo, pode-se destacar, sob essa perspectiva, que o elemento da maioria das reflexões poéticas do autor reside em temas ligados ao rio: seja em sua personificação enquanto ser nativo da região amazônica, seja enquanto espelho que reflete o existir do poeta, seja enquanto recurso metapoético para os questionamentos acerca da criação de poesia.

1.4 Reflexos do Rio: contemplando os minicontos

Os minicontos surgiram como uma resposta às transformações culturais e tecnológicas que impactaram a sociedade, especialmente a partir do século XX. Em um mundo cada vez mais acelerado, com a disseminação da informação em massa, as formas tradicionais de contar histórias passaram a coexistir com novas formas mais concisas e diretas. O advento dos meios de comunicação rápidos, como a internet, e a cultura do consumo imediato de conteúdos impulsionaram a necessidade de narrativas que pudessem ser lidas e compreendidas em poucos segundos, sem abrir mão da profundidade literária.

Dessa maneira, no quis diz respeito ao miniconto, Spalding (2008, p. 58) afirma que “O miniconto é um gênero de texto extremamente contemporâneo, em que a brevidade do conto é levada a extremos como textos de um parágrafo e até de uma frase”. Sendo assim, vai além da brevidade típica do conto, reduzindo-se frequentemente a textos de um parágrafo ou até mesmo de uma única frase. Essa característica faz desse gênero textual uma forma de narrativa altamente contemporânea, adequada ao dinamismo e à rapidez das comunicações no mundo atual. O gênero valoriza a densidade narrativa, exigindo que o autor condense significados complexos em poucas palavras, o que potencializa a sutileza e a capacidade de sugestão da escrita.

Para Rojo (2012, p. 108), “as múltiplas exigências que o mundo contemporâneo apresenta à escola vão multiplicar enormemente as práticas e textos que nela devem circular e ser abordados”. Assim, defende-se que os minicontos se trata de um gênero novo que pode e deve fazer parte dos planejamentos educacionais, sendo oportuna sua utilização nas salas de aula.

Visto isso, os minicontos têm uma relevância significativa no contexto da democratização da literatura, pois com seu formato acessível, são mais facilmente difundidos em plataformas digitais e mídias sociais, chegando a uma maior diversidade de leitores.

Em síntese, os minicontos eclodiram da necessidade de adaptação às novas dinâmicas culturais e tecnológicas, e sua importância reside em demonstrar que a concisão não impede a profundidade literária. Ao contrário, o miniconto eleva o desafio da escrita ao máximo: dizer muito com pouco, transformando a brevidade em potência narrativa.

2. Correntes Metodológicas

2.1 Entre correntes e marés

As práticas metodológicas adotadas basearam-se na pesquisa-ação, definida por Severino (2016) como aquela que, além de compreender a realidade, busca intervir nela com o objetivo de transformá-la. A abordagem escolhida foi a qualitativa, focada na interpretação subjetiva das respostas dos participantes e no impacto educacional resultante da aplicação do produto na aprendizagem dos alunos. Com base nisso, a atividade teve duração total de 5 momentos, cada um com duas aulas de cinquenta minutos.

2.2 Onde o rio encontra a escola

O lócus da pesquisa é uma escola pública, selecionada como campo de estudo, devido a sua representatividade na comunidade e a diversidade do corpo discente, proporcionando um contexto ideal para o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas à análise e compreensão da cultura amazônica. Assim, esse ambiente possibilitou a aplicação prática das propostas didáticas, permitindo observar de perto como os alunos interagem com o conteúdo literário e desenvolvem suas habilidades de leitura crítica e interpretação, conforme abordado na obra supracitada.

Dessa forma, o local escolhido para a pesquisa e aplicação do produto educacional foi a escola denominada E.E.E.F.M. Prof. Manoel Saturnino de Andrade Favacho, que faz parte da rede do Estado e da região metropolitana de Belém, especificamente na cidade de Ananindeua-PA. É uma instituição de grande porte, isto é, refere-se a uma escola que possui uma infraestrutura ampla e uma comunidade escolar considerável, incluindo um número elevado de alunos matriculados, 987 alunos, bem como vários níveis de ensino oferecidos, sendo eles do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio, além da EJA, funcionando nos turnos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Sua estrutura conta com salas de aulas, biblioteca, laboratório de informática, sala de leitura, refeitório e quadras poliesportivas. Além de espaços administrativos, como: sala de direção, sala de coordenação, secretaria e sala dos professores.

2.3 A Voz do Rio: Narrativas que Fluem na Sala de Aula

O corpus da pesquisa foi constituído em uma turma do 7º ano do ensino fundamental II da escola pública selecionada. Tal escolha se justifica pela faixa etária dos estudantes que se encontram em um estágio de desenvolvimento cognitivo e crítico

adequado para a exploração dos temas presentes na obra "A história das crianças que plantaram um rio", de Daniel da Rocha Leite.

Desse modo, a turma oferece uma amostra relevante para analisar, pois possui trinta e quatro estudantes, dezesseis são alunos do sexo masculino e dezoito do sexo feminino. A faixa etária dos alunos, em sua maioria, varia de doze a quatorze anos. Além disso, a escolha se solidifica uma vez que estão em fase de consolidação da alfabetização crítica, reagem às abordagens pedagógicas voltadas para a compreensão da cultura amazônica.

2.4 Oficinas que navegam onde os rios das palavras nascem...

As oficinas pedagógicas devem ser compreendidas como ambientes de formação e reflexão, nos quais a troca de saberes é promovida por meio da construção coletiva de experiências, uma vez que visam proporcionar vivências de ensino-aprendizagem em que todos os participantes interagem de maneira ativa, buscando o conhecimento para viver e aprender de forma integrada. Conforme destacam Paviani e Fontana, essas práticas pedagógicas favorecem a colaboração e o desenvolvimento mútuo entre educadores e educandos:

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva (2009, pág. 78).

Desse modo, as oficinas pedagógicas são situações didáticas que apresentam características, em sua estrutura, dinâmica e interacional, nas quais os saberes populares e científicos unem-se. Assim, trazer esse conceito de atividades com ferramentas interdisciplinares, para o ensino de língua materna, é um instrumento promissor para o alcance de diversos objetivos linguísticos em uma abordagem lúdica e participativa. Com base nisso, abaixo está a tabela referenciando, de forma sintetizada, os cinco momentos do produto aplicado, com o tema de cada oficina e seus respectivos objetivos:

OFICINAS:	TEMÁTICAS:	OBJETIVOS:
OFICINA 1	SEMENTES DE UM NOVO RIO	Desenvolver a estratégia de conexão.

OFICINA 2	NAVEGANDO NAS PROFUNDEZAS DO RIO...	Conhecer os elementos da narrativa
OFICINA 3	NOS ECOS DO RIO: VELEJANDO ENTRE IMAGENS E PALAVRAS	Desenvolver a estratégia de leitura da visualização.
OFICINA 4	MEMÓRIAS QUE SE MOVEM...	Desenvolver a estratégia de leitura síntese.
OFICINA 5	VIVER É CONTAR E RECONTAR RIOS...	Desenvolver as habilidades de escrita criativa dos participantes, capacitando-os para criar contos envolventes e emocionantes, com estrutura sólida e elementos literários bem trabalhados.

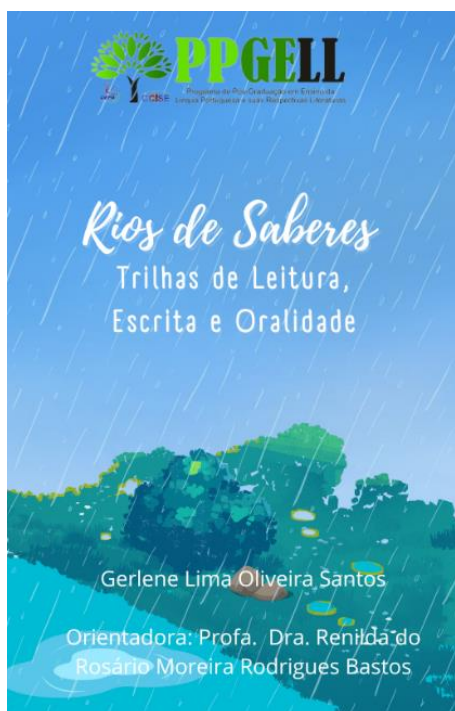
Fonte: Tabela produzida pela autora em julho de 2024

2.5 Rios de Saberes - Trilhas de Leitura, Escrita e Oralidade

O produto educacional desenvolvido para este projeto será materializado na forma de um e-book, ou seja, um livro digital que poderá ser acessado em diversos dispositivos, como computadores, tablets e smartphones. Tal material consiste em roteiro de oficinas de leitura, escrita e oralidade, com foco na valorização da cultura amazônica e no desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos. Tais oficinas têm como base a obra "A história das crianças que plantaram um rio", do escritor Daniel da Rocha Leite, e possuem como finalidade não apenas o aprendizado do conteúdo literário, mas também o fortalecimento da expressão crítica dos estudantes por meio de atividades práticas e reflexivas.

Contudo, as estratégias pedagógicas apresentadas foram concebidas para serem flexíveis e adaptáveis, permitindo que o professor as aplique também a outras obras literárias de sua escolha. Assim, há a possibilidade de personalizar as atividades para dialogar com os interesses, necessidades e contextos culturais de cada turma.

Segue abaixo a capa produzida para o produto, ressaltando que foi pensado nas cores e na nossa paisagem amazônica:



Fonte: Gerlene Oliveira, 2024.

Além disso, para exemplificar com maior exatidão, este produto educacional foi dividido e construído da seguinte forma:

SUMÁRIO	
1. NAVEGANDO NO LETRAMENTO LITERÁRIO	4
2. MERGULHANDO ENTRE HISTÓRIAS: A LITERATURA INFANTOJUVENIL ..	5
3. REFLEXOS DO RIO: CONTEMPLANDO OS MINICONTOS	6
4. OFICINAS QUE NAVEGAM ONDE OS RIOS DAS PALAVRAS NASCEM	7
5. RIO DE SABERES: TRILHA DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE.....	7
5.1 Oficina 1: "Sementes de um novo rio".....	9
5.2 Oficina 2: "Navegando nas profundezas do rio".....	10
5.3 Oficina 3: "Nos ecos do rio: velejando entre imagens e palavras"	11
5.4 Oficina 4: "Memórias que se movem"	13
5.5 Oficina 5: "Viver é contar e recontar rios".....	14
6. RIOS QUE FLUEM PARA ALÉM DAS PALAVRAS.....	15
REFERÊNCIAS.....	16

Fonte: Gerlene Oliveira, 2024.

Visto isso, foram utilizadas dinâmicas de leitura compartilhada, permitindo que os estudantes discutam e reflitam sobre as temáticas da obra, como a preservação da natureza e a importância da colaboração comunitária, promovendo uma leitura crítica e contextualizada.

É válido ressaltar, também, que as oficinas pedagógicas devem ser percebidas como espaços de formação e reflexão que oportunizam a troca de saberes, por intermédio da construção coletiva de determinadas experiências, que buscam proporcionar vivências de ensino-aprendizagem em que todos os seus participantes interagem na busca do saber para viver e aprender. O papel da oficina como afirma Mutschele e Gonsales Filho é:

Implantar um espaço na escola onde o professor possa debater, refletir, propor, discutir, receber informações/conhecimentos de diferentes práticas didáticas e metodológicas na sua área de atuação (MUTSCHELE; GONSALES, 1998, p.13).

Assim sendo, são situações didáticas que apresentam características, em sua estrutura, dinâmica e interacional, nas quais os saberes populares e científicos se unem na busca do saber. As oficinas de escrita, por sua vez, proporcionaram aos alunos a oportunidade de expressarem suas ideias e experiências em relação ao conteúdo discutido. A proposta é que os estudantes elaborem produções textuais, como minicontos, nas quais possam conectar os temas abordados com suas próprias vivências e o contexto sociocultural em que estão inseridos. Isso ajudará a fortalecer as habilidades de escrita criativa e argumentativa, além de estimular o pensamento crítico.

Do mesmo modo, as oficinas de oralidade são direcionadas ao aprimoramento da comunicação verbal dos alunos. Foram propostas atividades como debates e apresentações orais, nas quais os estudantes poderão discutir questões relevantes levantadas pela leitura, como a preservação da Amazônia e a importância do respeito às culturas tradicionais. Tais práticas permitiram que os alunos desenvolvam maior confiança e clareza em suas falas, além de promover o diálogo e a troca de ideias entre colegas.

Observe abaixo a tabela descrevendo os eixos trabalhados em cada oficina:

OFICINA: SEMENTES DE UM NOVO RIO	Eixos de aprendizagem: Leitura e oralidade.	Eixos de leitura: Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.
OFICINA: NAVEGANDO NAS PROFUNDEZAS DO RIO...	Eixos de aprendizagem: Leitura e oralidade.	Eixos de leitura: Desenvolver nos alunos uma compreensão profunda dos elementos essenciais da narrativa,

		capacitando-os para analisar, interpretar e criar histórias de forma crítica e reflexiva.
OFICINA: NOS ECOS DO RIO: VELEJANDO ENTRE IMAGENS E PALAVRAS	Eixos de aprendizagem: Leitura e oralidade.	Eixos de leitura: Apreender os sentidos globais do texto; Reconhecer/inferir o tema; Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.
OFICINA: MEMÓRIAS QUE SE MOVEM...	Eixos de aprendizagem: Leitura e oralidade.	Eixos de leitura: Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.
OFICINA: VIVER É CONTAR E RECONTAR RIOS...	Eixo de aprendizagem: Escrita.	Eixos de leitura: Narrar histórias de forma criativa e envolvente, utilizando os elementos estruturais e recursos expressivos da narrativa.

Fonte: Tabela produzida pela autora em julho de 2024

Diante disso, os benefícios dessa aplicação são amplos, pois permitem o desenvolvimento integral dos estudantes, trabalhando simultaneamente as três principais habilidades comunicativas (leitura, escrita e oralidade), além de promoverem uma visão crítica e consciente da realidade. É importante mencionar que os textos imagéticos, como ilustrações da narrativa durante a aplicação das oficinas, demonstram ser ferramentas poderosas para a construção do conhecimento, pois possui capacidade de comunicar ideias de forma visualmente atrativa e intuitiva, uma vez que a linguagem visual dos textos imagéticos facilita a compreensão de conceitos complexos, tornando o aprendizado mais acessível para todos os alunos, inclusive aqueles com diferentes estilos de aprendizagem. Com isso, os alunos têm a oportunidade de ampliar seu repertório cultural, fortalecer a capacidade de argumentação e de diálogo, e desenvolver uma relação mais

ativa e participativa com os conteúdos trabalhados em sala de aula, além de que, ao integrar a cultura amazônica ao cotidiano escolar, as oficinas contribuem para a formação de cidadãos mais engajados e conscientes de sua identidade cultural e da importância de preservar o meio ambiente e o patrimônio cultural da região.

3 Do que se traz de um mergulho

A análise dos dados da oficina aplicada foi realizada com o intuito de avaliar o impacto das atividades de leitura, escrita e oralidade no desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos do 7º ano do ensino fundamental II. Os dados foram coletados por meio de observações, registros de participação, produções textuais e feedback dos alunos, permitindo uma compreensão abrangente dos efeitos das oficinas no processo de aprendizagem.

Inicialmente, as observações em sala de aula revelaram um aumento significativo na participação dos alunos durante as atividades propostas. Na primeira conversa sobre a aplicação da oficina na sala de aula, criou-se um clima de curiosidade e envolvimento entre os alunos. Iniciou-se com uma pergunta simples, mas profunda: "Vocês gostam de ler?". O silêncio inicial foi logo quebrado por algumas respostas tímidas, enquanto outros alunos, mais empolgados, começaram a compartilhar suas preferências literárias. Assim, com um olhar atento, é importante ir além das respostas superficiais e questionar sobre o que eles gostavam de ler e o porquê.

Nesse momento, é necessário desmistificar a ideia de que ler é uma obrigação, mostrando que, na verdade, é um caminho para o autoconhecimento e a expressão criativa. Assim, houve o momento para que os alunos refletissem sobre suas experiências de leitura e como elas se conectavam com suas vidas, ressaltando que a oficina seria um espaço de troca e experimentação, e aos poucos, a sala foi se transformando em um ambiente mais receptivo, e a curiosidade sobre o que viria a seguir foi crescendo entre os alunos.

A leitura compartilhada da obra "A história das crianças que plantaram um rio" gerou discussões ricas e envolventes, nas quais os alunos puderam expressar suas opiniões e interpretações, como, por exemplo, a narrativa fez com que os alunos refletissem sobre a importância de cuidar dos rios, florestas e do meio ambiente como um todo, assim também reconheceram como a obra reflete elementos da nossa cultura amazônica e sua relação simbólica com os rios, identificando a importância da valorização de suas próprias raízes culturais. Assim, demonstrando um olhar aguçado na

capacidade de análise crítica. As discussões em grupo proporcionaram um espaço seguro para que todos se sentissem à vontade para compartilhar suas ideias, o que contribuiu para um ambiente colaborativo.

Em relação às produções textuais, foi possível notar um avanço notável nas habilidades de escrita dos alunos. Os minicontos produzidos refletiram uma maior fluência e criatividade, além de evidenciar a capacidade de conectar os temas da obra com suas próprias experiências e o contexto sociocultural em que vivem. Essa conexão foi um dos principais objetivos da oficina, e os resultados mostraram que os alunos conseguiram estabelecer diálogos entre a literatura e suas realidades.

O feedback dos discentes também foi um aspecto crucial na análise dos dados. Por meio de questionários e entrevistas, os estudantes expressaram entusiasmo e satisfação com as oficinas, destacando a importância da leitura e da escrita para sua formação. Muitos relataram que as atividades ajudaram a despertar seu interesse pela literatura e a valorizar suas vozes. Essa percepção é fundamental, pois indica que as oficinas não apenas promoveram o desenvolvimento das habilidades comunicativas, mas também contribuíram para a autoestima e a confiança dos alunos em suas capacidades de expressão.

Por fim, a análise dos dados demonstrou que as oficinas de leitura, escrita e oralidade foram bem-sucedidas em atingir seus objetivos pedagógicos. Sendo assim, o aumento na participação, a melhoria nas produções textuais e o feedback positivo dos alunos são indicativos de que essa abordagem metodológica pode ser uma estratégia eficaz para o desenvolvimento das competências comunicativas no contexto escolar. Essa experiência oferece uma base sólida para futuras intervenções pedagógicas, reforçando a importância de integrar a literatura e a cultura amazônica ao currículo escolar.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.

3.2 Mergulho profundo

A análise dos roteiros de oficinas revela uma proposta bem estruturada e com objetivos claros, voltada para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e oralidade dos alunos do 7º ano, utilizando como base a obra "A história das crianças que plantaram um rio", do Daniel da Rocha Leite. As oficinas são organizadas de forma a promover uma progressão de aprendizado, com cada etapa contribuindo para a construção de competências específicas.

3.2.1 Oficina 1: "Sementes de um Novo Rio"

A primeira oficina tem como foco o desenvolvimento da estratégia de conexão entre o texto e o conhecimento prévio dos alunos. O uso de discussões sobre o que os alunos já sabem e de suas vivências tornou a atividade interativa e relevante. A leitura inicial da obra e a orientação para que os alunos façam conexões pessoais com o texto foram ótimas estratégias para engajá-los no processo de aprendizagem, incentivando uma leitura reflexiva e significativa.

Ao iniciar com perguntas abertas, como "Vocês sabem o que é conhecimento prévio?", permitiu com que os alunos refletissem sobre suas próprias experiências, o que é essencial para criar uma ponte entre o conteúdo literário e suas realidades pessoais. Essa abordagem gerou uma atmosfera de curiosidade e envolvimento. Durante a apresentação da obra, os alunos mostraram um misto de curiosidade e receptividade. A escolha de um texto que dialoga com temas ambientais e sociais despertou identificação em muitos deles, especialmente porque o autor também faz parte das nossas vivências e demonstrou isso muito bem em sua escrita.

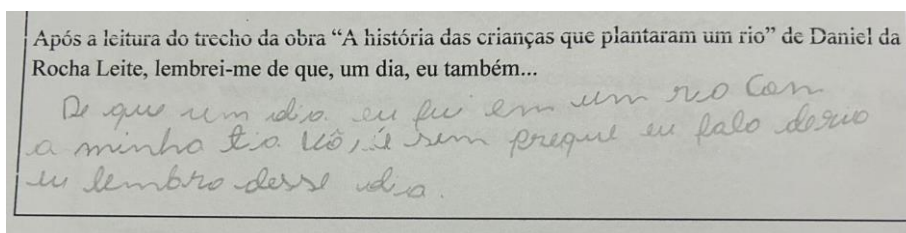
No momento da leitura e do preenchimento do quadro reflexivo, os alunos tiveram um ótimo engajamento, dependendo de suas experiências e familiaridade com o tema. Alguns agiram de forma mais introspectiva, refletindo sobre suas memórias, enquanto a

maioria foi mais rápida em compartilhar suas impressões. A frase "Lembrei-me de que, um dia, eu também..." foi uma forma criativa de estimular a personalização do conteúdo, permitindo que os alunos vissem a leitura como uma extensão de suas próprias vivências.

Com isso, o compartilhamento das observações no final, com a transcrição das respostas no quadro, promoveu um sentimento de pertencimento e colaboração. Esse processo incentivou a participação ativa e a escuta empática entre os alunos, ao perceberem que suas experiências e pontos de vista eram válidos e respeitados. O grupo como um todo agiu de forma colaborativa e se sentiu mais à vontade para explorar suas interpretações, criando uma conexão mais profunda com o texto e entre eles mesmos. De forma geral, os alunos agiram de maneira receptiva, curiosa e, em alguns casos, até entusiástica, especialmente à medida que percebiam que suas histórias pessoais tinham valor no contexto da leitura.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.

3.2.2 Oficina 2: "Navegando nas Profundezas do Rio"

Na análise da segunda oficina, a qual tem como foco explorar os elementos essenciais da narrativa, a abordagem metodológica foi eficaz para engajar os alunos em uma compreensão crítica e reflexiva. Ao começar perguntando se eles sabem o que compõe uma narrativa, surgiu um ponto de partida que estimulou a curiosidade e ativou

os conhecimentos prévios, preparando o “terreno” para uma participação mais ativa dos alunos.

Na etapa expositiva, ao apresentar os elementos da narrativa (narrador, personagens, tempo, espaço e enredo), os alunos obtiveram uma base sólida para a análise. Como esses conceitos são centrais para a compreensão de qualquer história, os alunos começaram a reconhecer essas estruturas tanto no texto lido quanto em outras narrativas com as quais estão familiarizados.

A atividade de identificar e preencher os elementos essenciais da narrativa na obra "A história das crianças que plantaram um rio" ajudou os alunos a praticarem a análise de forma prática. Durante a leitura, eles começaram a reconhecer quem narra a história, quais personagens estão envolvidos, quando e onde a ação se desenrola, e como o enredo se desenvolve. Essa atividade estimulou a leitura atenta e detalhada, promovendo um entendimento mais profundo da construção do texto.

Posteriormente, ao comparar as respostas coletivamente, houve um diálogo construtivo sobre as diferentes interpretações que podem surgir. Esse processo foi fundamental para que os alunos percebessem que a análise literária pode ter múltiplas perspectivas, incentivando-os a argumentar e justificar suas opiniões com base no texto. Em relação ao comportamento dos alunos, na fase inicial de discussão sobre os elementos da narrativa, eles mostraram curiosidade e um nível variado de conhecimento prévio. Durante a explicação dos conceitos, os alunos agiram de forma mais introspectiva, absorvendo as informações novas. Ao realizar a atividade prática, alguns se sentiram mais confiantes em identificar os elementos, enquanto outros buscaram apoio ou discutiram com colegas para chegar às respostas.

De forma geral, esta oficina obteve potencial para gerar um ambiente de aprendizado dinâmico, em que os alunos são convidados a refletirem sobre a narrativa de maneira crítica e ativa, o que contribuiu para uma maior compreensão do texto e o desenvolvimento de habilidades analíticas importantes.

Narrador:	Personagem.
Personagens:	Pai, avó e a menina.
Tempo:	psicológico.
Espaço:	Em um interior próximo ao rio.
Enredo:	O menino que lembrava de um rio.

Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.

3.2.3 Oficina 3: "Nos Ecos do Rio: Velejando entre Imagens e Palavras"

A terceira oficina propôs uma abordagem criativa e interativa para o desenvolvimento da leitura, utilizando as estratégias de visualização e sumarização. A análise dessa oficina revelou um processo pedagógico que incentiva a interpretação visual e escrita, promovendo uma compreensão mais profunda do texto e permitindo com que os alunos conectassem suas impressões subjetivas com os elementos textuais.

No início da oficina, a pergunta "O que é visualização?" foi uma estratégia eficaz para ativar o conhecimento prévio dos alunos, incentivando-os a refletir sobre como constroem mentalmente imagens enquanto leem. Essa reflexão inicial preparou os alunos para as etapas seguintes, em que a leitura será associada a imagens mentais e à expressão dessas imagens de forma visual ou escrita. Em seguida, a discussão abriu espaço para o envolvimento dos alunos, e pude observar o grau de familiaridade deles com a técnica de visualização, o que ajudou a ajustar a condução da atividade.

Mais adiante, ao entregar o texto de "*A história das crianças que plantaram um rio*", criou-se uma transição entre a leitura e a prática de visualização. A pergunta "O que visualiza ao ler o título do conto?" promoveu a antecipação e permitiu que os alunos externalizassem suas expectativas e impressões iniciais. Isso não apenas estimulou a criatividade, mas também os ajudou a se conectarem emocionalmente com a narrativa. Além disso, ao oferecer espaço para desenhar e escrever, a oficina atendeu a diferentes estilos de aprendizagem, beneficiando alunos que respondem melhor a formas visuais ou verbais de expressão.

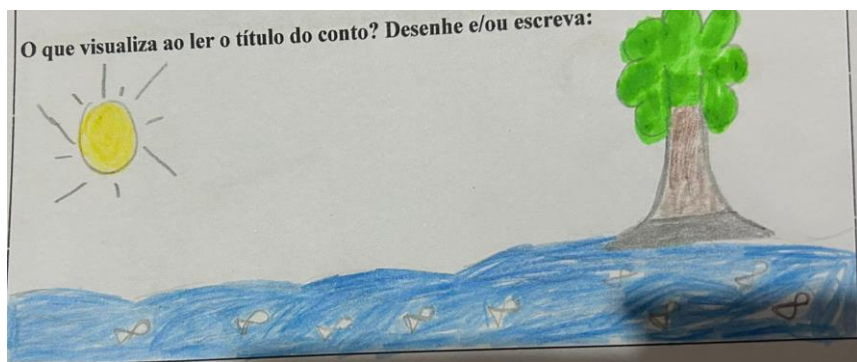
Após a leitura completa, os alunos tiveram a oportunidade de comparar suas visualizações iniciais com aquelas formadas após a leitura, o que culminou em uma reflexão interessante sobre como a compreensão do texto evoluiu. O diálogo que se seguiu estimulou uma troca rica de ideias, na qual os alunos puderam perceber como suas interpretações diferem ou se alinham às de seus colegas, promovendo o pensamento crítico e colaborativo.

A segunda etapa da oficina foca na sumarização, uma habilidade essencial para consolidar o entendimento. Ao utilizar o "Formulário de Conhecimento Prévio", os alunos foram encorajados a refletirem sobre o que pensavam antes de ler o texto e a comparar com o que aprenderam posteriormente. Esse contraste ajudou a criar uma ponte entre expectativas e realidade textual, promovendo uma compreensão mais crítica e consciente.

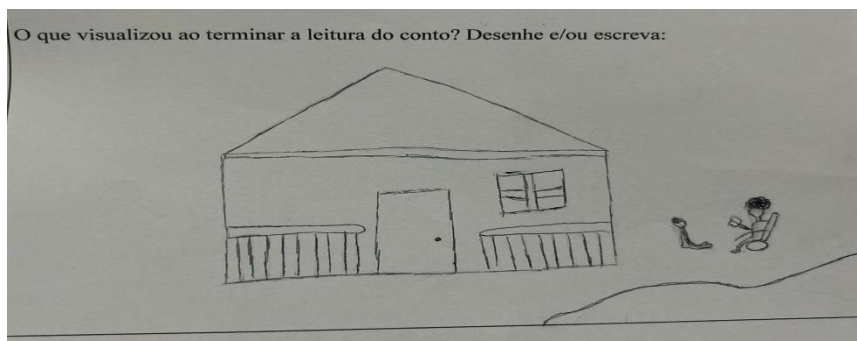
A etapa final, o "Pensando no Texto", foi uma excelente oportunidade para que os alunos internalizassem o que foi aprendido. As perguntas direcionadas — como o que

acharam importante lembrar e como o cenário influencia a trama — promoveram uma análise detalhada, incentivando-os a pensar sobre o papel dos elementos da narrativa no desenvolvimento da história.

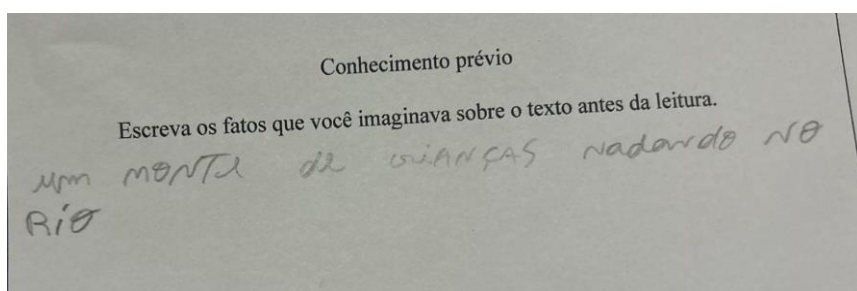
Em termos de comportamento, os alunos reagiriam de forma envolvida e criativa. A parte visual da oficina estimulou àqueles que gostam de desenhar ou pensar de forma imagética, enquanto a parte escrita e reflexiva atendeu aos alunos mais verbais ou analíticos. A discussão final permitiu um momento de integração, onde as diferentes percepções podem ser comparadas, gerando uma compreensão mais ampla do texto. De maneira geral, essa atividade promoveu uma leitura ativa e participativa, em que os alunos não apenas compreenderam o texto, mas também fizeram conexões profundas com o conteúdo, explorando diferentes formas de expressão e reflexão.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.

3.2.4 Oficina 4: "Memórias que se Movem"

Esta oficina apresenta uma abordagem focada na estratégia de síntese de leitura, oferecendo aos alunos a oportunidade de consolidar suas compreensões sobre o texto e refletir sobre suas principais ideias. Assim, ao enfatizar a síntese, complementa o desenvolvimento das habilidades críticas e de análise que os alunos vêm trabalhando ao longo das oficinas anteriores.

O primeiro momento da oficina, ao perguntar "O que é síntese?", serviu como um ponto de partida essencial para que os alunos compreendessem a importância dessa habilidade. Ao discutir suas percepções, eles são incentivados a pensar sobre a diferença entre resumir e sintetizar — enquanto o resumo apresenta uma visão geral, a síntese envolve a habilidade de identificar e organizar as informações mais relevantes de forma estruturada e crítica.

Na etapa de recapitulação sobre a obra, houve a retomada sobre o contexto e o enredo já discutido, preparando os alunos para a leitura da parte final do texto. Esse momento foi importante para garantir que todos estejam no mesmo ponto da narrativa e prontos para realizar uma síntese mais completa e reflexiva.

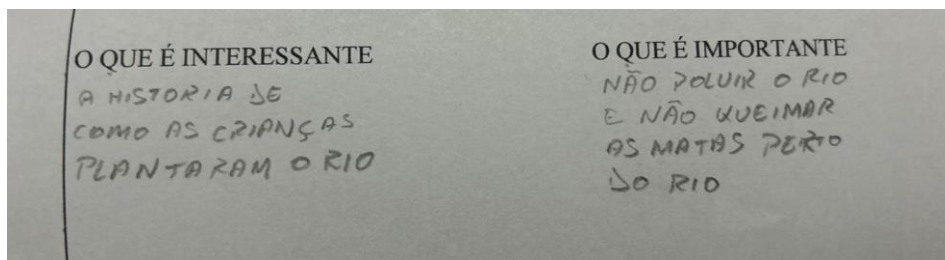
Após a leitura, o "Formulário para a Síntese" ofereceu uma maneira eficaz de estruturar as ideias dos alunos. O quadro "O que é interessante / O que é importante" foi uma ferramenta valiosa para ajudar os alunos a distinguirem entre aspectos que chamaram sua atenção e aqueles que são centrais para a compreensão da história e essa distinção auxiliou na construção de uma análise mais profunda do texto, incentivando-os a separarem informações periféricas das essenciais.

Ademais, o quadro de reconto para a síntese que segue a análise textual representou um avanço na prática de organização e expressão oral dos alunos. A lista de palavras-chave ajudou-os a identificar termos importantes que fundamentavam a narrativa. A partir das breves passagens registradas, os alunos puderam reestruturar a história e compartilhá-la oralmente, o que não só reforçou a compreensão, mas também promoveu o desenvolvimento da oralidade.

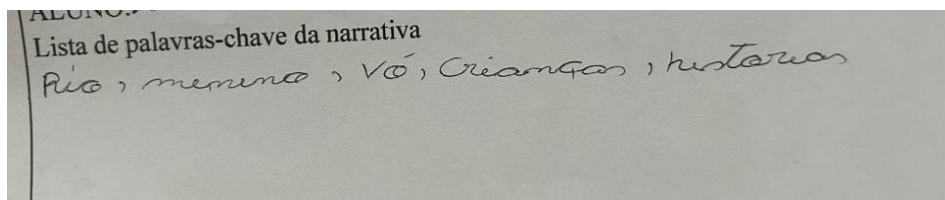
A atividade de reconto oral foi particularmente eficaz, pois permitiu que os alunos praticassem a capacidade de reorganizar a narrativa em suas próprias palavras, facilitando uma internalização mais profunda do conteúdo. Ao concluir com um resumo escrito e a opinião pessoal, a oficina permitiu que os alunos expressassem tanto uma visão objetiva quanto subjetiva da história, completando o ciclo de análise e reflexão crítica.

No que se refere ao comportamento dos alunos, a oficina incentivou o engajamento da turma de forma ativa e colaborativa, uma vez que o processo de síntese

exigiu uma leitura atenta e criteriosa. Com isso, os alunos mais reflexivos se destacaram na atividade de seleção de informações, enquanto aqueles mais extrovertidos aproveitaram a oportunidade de recontar a história oralmente. No final, a maioria alcançou um nível mais avançado de compreensão, capazes de sintetizar ideias de forma clara e coesa, tanto oralmente quanto por escrito. De maneira geral, a oficina ofereceu uma progressão lógica e criativa no desenvolvimento da leitura e da oralidade.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.

3.2.5 Oficina 5: "Viver é Contar e Recontar Rios"

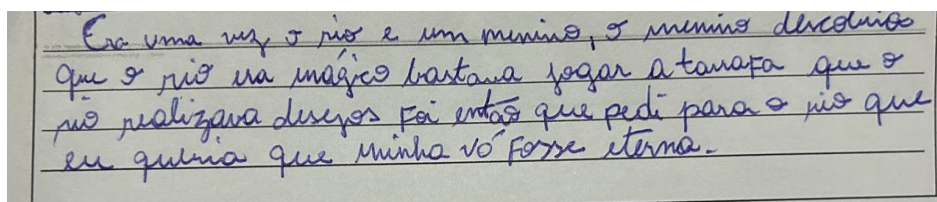
O último momento desta oficina tem um foco claro no desenvolvimento da escrita criativa, oferecendo aos alunos a oportunidade de aplicar tudo o que foi aprendido nas etapas anteriores para criar narrativas próprias. A estrutura da oficina foi planejada, promovendo a escrita como um meio de expressão pessoal, ao mesmo tempo em que garante a prática de habilidades essenciais, como a coesão textual e a síntese.

No primeiro momento, a proposta de escrever minicontos baseados nas vivências pessoais dos alunos foi uma escolha magnífica, pois ao conectar a escrita ao lócus (ou seja, ao contexto de vida dos alunos), a atividade ganha relevância e significado. Então, essa abordagem despertou o interesse dos alunos, já que eles puderam se ver representados nas histórias que criaram. Além disso, contar suas próprias histórias cria um espaço para a autoexpressão, o que é extremamente valioso em um ambiente educacional. A tarefa também incentivou a empatia e a partilha de experiências, já que cada aluno trouxe uma perspectiva única para a atividade.

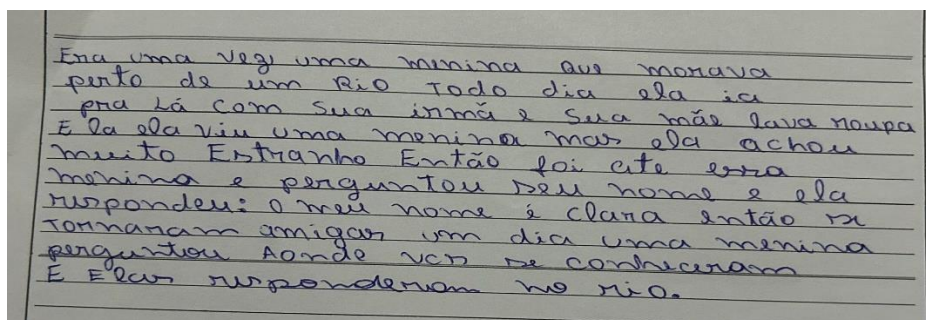
Após a escrita, a transição para a síntese das narrativas em micronarrativas no segundo momento foi um excelente exercício para desenvolver a capacidade de síntese e concisão. Esse processo não apenas exigiu que os alunos relessem e reavaliassem o que escreveram, mas também que identificassem a essência de suas histórias e a expressassem de maneira compacta e clara.

Dessa maneira, o terceiro momento, que envolveu a socialização das produções, foi fundamental para criar um senso de comunidade e valorização do trabalho dos alunos. Ao compartilhar seus minicontos com os colegas, eles não apenas praticaram a oralidade, mas também aprenderam a receber e oferecer feedback, o que enriqueceu ainda mais o processo de aprendizado. A publicação nas plataformas e/ou mídias sociais da escola é uma excelente maneira de valorizar o esforço dos alunos, promovendo o orgulho e o senso de pertencimento.

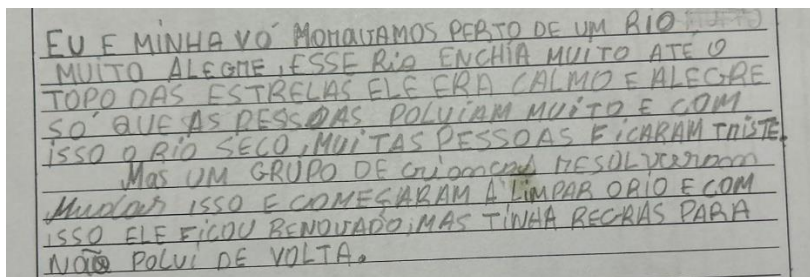
Em termos de comportamento, os alunos se envolveram de forma ativa e criativa, especialmente porque a oficina permitiu a expressão individual e a construção de narrativas pessoais. Além disso, a prática de transformar suas histórias em micronarrativas desafiaram os alunos a refletirem criticamente sobre o que é essencial em suas narrativas, incentivando um pensamento mais estruturado e objetivo. Portanto, essa oficina ofereceu um fechamento criativo e reflexivo para a série de atividades, consolidando as habilidades de escrita, leitura e oralidade trabalhadas nas etapas anteriores, e propiciando uma expressão literária mais madura e autônoma.



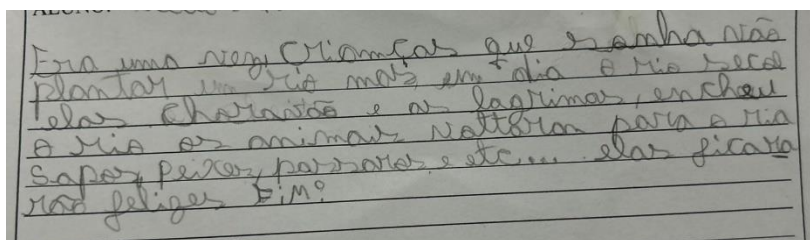
Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.



Fonte: Acervo da autora em setembro de 2024.

Logo, a aplicação do produto educacional obteve uma série de acertos que contribuíram significativamente para o desenvolvimento das habilidades dos alunos, assim como alguns desafios que demandaram ajustes ao longo do processo.

Posto isso, um dos principais acertos foi a escolha da obra de Daniel da Rocha Leite, que se mostrou extremamente rica para promover a conexão entre o conteúdo e as vivências dos alunos. As temáticas ligadas à natureza, comunidade, memórias e infâncias proporcionaram reflexões profundas e pessoais, especialmente quando os alunos foram incentivados a relacionar o texto com suas próprias experiências, como na oficina "Sementes de um Novo Rio". A proposta de ativar o conhecimento prévio e estimular essa conexão facilitou a participação ativa dos alunos, gerando diálogos espontâneos e uma identificação forte com o conteúdo trabalhado.

Outro fator importante foi a ênfase na escrita criativa e no reconto das histórias. Nas oficinas finais, como "Viver é Contar e Recontar Rios", foi notório que a metodologia que envolvia a criação de contos e a transformação em micronarrativas não só despertou a imaginação dos alunos, mas também ajudou a desenvolver a capacidade de síntese e a coesão textual. Eles demonstraram grande envolvimento ao narrarem histórias baseadas em suas vivências, o que reforçou a habilidade de expressar-se de maneira clara e criativa.

Entretanto, alguns desafios foram enfrentados, especialmente relacionados ao tempo e ao nível de maturidade dos alunos em relação às habilidades de leitura e escrita. A duração de 50 minutos por oficina foi, em alguns casos, insuficiente para que todos os alunos pudessem explorar o conteúdo de maneira profunda. Em oficinas que exigiam

mais reflexão, como "Memórias que se Movem", a limitação do tempo fez com que algumas atividades fossem realizadas de forma mais apressada do que o desejado.

Outro ponto que apresentou dificuldade foi a diversidade de níveis de leitura e escrita dos alunos, pois durante as oficinas que envolviam a criação de micronarrativas e a elaboração de contos, foi perceptível que alguns alunos tinham mais facilidade em organizar suas ideias e construir textos coesos, enquanto outros demonstravam dificuldades em lidar com a estrutura narrativa, elementos coesivos e a própria escrita. Embora as atividades fossem planejadas para diferentes estilos de aprendizado, foi necessário um acompanhamento mais individualizado para garantir que todos os alunos conseguissem avançar no mesmo ritmo.

Dito isso, outra questão que apresentou desafios foi a da oralidade. Ainda que as oficinas buscassem promover a discussão e o compartilhamento oral das produções, em alguns alunos houve certa resistência em socializar as criações, talvez por timidez ou insegurança, hesitaram em compartilhar suas histórias com a turma. Isso exigiu um trabalho mais cuidadoso de encorajamento, criando um ambiente seguro e acolhedor para que se sentissem à vontade para expor suas ideias.

5 Rios que fluem para além das palavras

Diante do exposto, este trabalho com as oficinas foi como lançar sementes ao vento, esperando que, em algum solo fértil, germinassem rios de histórias e narrativas. As palavras, antes presas no papel, ganharam voz, corpo e alma nas mãos dos alunos, que aprenderam a ler o mundo ao seu redor e a narrar as águas que correm dentro de si.

Por isso, cada oficina foi um encontro com o inesperado, um mergulho profundo nas águas da imaginação, em que textos se misturavam com vivências e histórias pessoais se entrelaçavam com as letras de Daniel da Rocha Leite. Os rios de papel se tornaram espelhos das emoções, das paisagens e dos sonhos dos alunos, que descobriram, em cada linha escrita, um pedaço de si mesmos.

Nos desafios enfrentados, foi possível encontrar também as marés que moldam a paciência e a sensibilidade. Não foi um caminho linear, mas as curvas, os desvios, as resistências... tudo fez parte desse fluxo vivo de aprendizagem. As dificuldades foram como as pedras que o rio contorna, revelando que o essencial é o movimento, o constante seguir, o aprender fluido, que não se detém, mesmo diante dos obstáculos.

Ao final, foi notório que o que se plantou não foi apenas conhecimento, mas raízes profundas em cada aluno. Raízes que, ao tocarem o solo da narrativa e da criação,

florescerão em contos futuros, em histórias que talvez não saberei, mas que ecoarão nas margens desse rio que começamos a navegar juntos.

Portanto, essas oficinas não foram apenas um exercício de leitura e escrita, mas um convite para que cada aluno se tornasse um contador de histórias, uma testemunha do seu próprio percurso, um rio em constante transformação. E assim, compreende-se que ensinar é, acima de tudo, plantar rios e seguir a correnteza das palavras, deixando que fluam livres e criem novos mundos onde o impossível é apenas o início de uma nova história.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COELHO, Betty. “**Contar Histórias uma arte sem idade**”. São Paulo, 2000.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história**. Curitiba: PUCPress; FTD, 2017. 152 p. Resenha de: SILVA, Raquel Souza da; CAMPOS, Cleide de Araújo. Revisitando a história da literatura infantil e juvenil brasileira. Em Aberto, Brasília, v. 32, n. 105, p.199-203, maio/ago. 2019.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.
- MUTSCHELE, M. S.; GONSALES FILHO, J. C. **Oficinas pedagógicas: a arte e a magia do fazer na escola**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998
- PAES LOUREIRO, J.J. **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras, 2000, volumes 1 e 2.
- PAES LOUREIRO, J.J. **Água da Fonte**. São Paulo: Escrituras, 2008a.
- PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. In Conjectura, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramentos na escola**. Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.]. - São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2016.
- SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre. 2008.
- ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos**. Global, SP, 1993.

ZILBERMAN , Regina. **A literatura infantil na escola.** 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.